



O que pode uma pesquisa em Educação Matemática que faz ecoar as narrativas que produz?

What can a research in mathematics education that make the narratives it produces to echoes?

Endrika Leal Soares¹

Vivian Nantes Muniz Franco²

Luzia Aparecida de Souza³

RESUMO

Fundamentando-nos em princípios e procedimentos da História Oral como metodologia de pesquisa, temos buscado em nossos trabalhos distintos exercícios que dialogam com interlocutores com os quais ainda não havíamos estabelecido situações de entrevistas. Aqui, abordamos a discussão a partir de dois trabalhos, em um deles foram produzidas entrevistas com adultos analfabetos, visando inicialmente compreender estratégias matemáticas cotidianas e, no outro, estabeleceu-se uma interlocução com crianças de 4 e 5 anos, que frequentam a Educação Infantil, buscando olhar para noções sobre escola e matemática por elas constituídas. O grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMPEP), do qual fazemos parte, tem trabalhado com História Oral desde 2011 em distintos exercícios de investigação. A cada projeto, uma comunidade se estabelece como interlocutora, e nesse movimento algumas problematizações acerca da construção e mobilização de fontes orais são possíveis. Neste texto, discutimos alguns dos aspectos teóricos e metodológicos que permeiam a produção de fontes dessa natureza.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Narrativa, Educação Matemática.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. endrika.leal@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-4748-0198>. Bolsista CAPES.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. viviannmfranco@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-8144-0320>. Bolsista CAPES.

³ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. luapso@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-8428-4503>.

ABSTRACT

Based on the principles and procedures of Oral History as a research methodology, we have searched in our works different exercises that dialogue with interlocutors with whom we hadn't doing yet established interview situations. Here, we approach the discussion from two works, in one of them interviews with illiterate adults were produced, initially aiming to understand daily mathematical strategies and, in the other, an interlocution was established with children from 4 and 5 years old, who attend kindergarten, seeking to look at notions about school and mathematics constituted by them. The History of Mathematical Education Research group (HEMEP), of which we are part, has been working with Oral History since 2011 in different research exercises. With each project, a community establishes itself as an interlocutor, and in this movement some problematizations about the construction and mobilization of oral sources are possible. In this text, we discuss some of the theoretical and methodological aspects that permeate the production of sources of this nature.

KEYWORDS: Oral History. Narrative. Mathematics Education.

Introdução

Desde 2011, o Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) tem trabalhado com História Oral e com a produção de narrativas em distintos exercícios de investigação, dedicando-se a pesquisas acerca da formação e/ou atuação de professores que ensinam e/ou ensinaram matemática no estado de Mato Grosso do Sul.

Sendo assim, a cada projeto, uma comunidade se estabelece como interlocutora (professores, coordenadores, diretores escolares aposentados, pesquisadores em Educação Matemática, alunos de cursos de Licenciatura em Matemática, crianças em fase de alfabetização, pessoas analfabetas etc.) e nesse movimento algumas problematizações acerca da construção e mobilização de fontes orais são possíveis e, porque não dizer, necessárias.

Nos últimos anos, o grupo também tem se aproximado de outros exercícios de investigação, que fogem ao trabalho propriamente historiográfico e à formação de professores, mas que, de modo particular, tem nos permitido olhar para a escola, para a matemática e para a própria ação investigativa de outra forma: trata-se de trabalhos que estabelecem como interlocutores adultos analfabetos e crianças de 4 e 5 anos, que frequentam a Educação Infantil. Mais especificamente, este artigo aborda duas dissertações de mestrado defendidas no início de 2019: i) “Educação (,) matemática e outras banalidades fundamentais da vida: diálogos a partir dos analfabetismos nossos de cada dia” de Endrika Leal Soares, e ii) “Entre infâncias, narrativas e delírios: fora da escola, fora da matemática, fora do risco...” de Vivian Nantes Muniz Franco.

O trabalho de Endrika consistia, inicialmente, em identificar estratégias matemáticas construídas e mobilizadas por pessoas analfabetas para lidar com situações de seu cotidiano, delineando narrativamente suas perspectivas quanto ao termo matemática e seus usos diários. Os apontamentos feitos pelos interlocutores da pesquisa, entretanto, arrastaram a discussão para

os discursos de referência que sustentam, por exemplo, a noção social de analfabetismo. Interessados em descentralizar a discussão, a partir de perspectivas decoloniais/descoloniais⁴, a dissertação foi se constituindo como uma análise a partir de capturas, estranhamentos e problematizações de práticas e discursos de pesquisa e ensino em Educação Matemática. São evidenciados processos de constituição social de sujeitos narrativos que, apesar de serem vistos como os “de fora” da escola, são profundamente atravessados por seus discursos e lógicas. São corpos que ecoam julgamentos e unicidade de leitura a partir de um discurso escolar que produz efeitos de verdade e os normaliza.

A dissertação de Vivian, por sua vez, ao partir do encontro com crianças de 4 a 5 anos, constitui-se como uma prática infante, que subverte – ou faz *pegar delírio*⁵ – práticas normalizadas na Educação Matemática. O encontro com as crianças nos colocou a dialogar com o novo, com o espanto, com o inesperado e com a criação de uma outra potência de olhar para o mundo, um olhar sensível às sutilezas do encontro com o outro. Aqui, as narrativas foram problematizadas no contexto da infância, sendo apresentadas como falas, desenhos e imagens que resultam de diferentes exercícios de produção e composição com as crianças. A aproximação com elas, com a poesia e com as narrativas fomentou, por diversos momentos, muitas inquietações em um fora da Matemática, desconstruindo um olhar pesquisocêntrico para outras questões que permeiam a infância, a educação, a pesquisa científica, a escola e também a matemática. Este trabalho traz, em narrativas *fora do risco*⁶, reflexões acerca da infância, criança, escola e matemática, que *pegam delírios* ao serem narrados pelas crianças, desestabilizando e alterando olhares frente a uma pesquisa dessa natureza.

Não somente o deslocamento de questões que estes trabalhos promovem, mas as especificidades dos encontros gerados por essas pesquisas nos colocam a revisitar práticas e princípios orientadores da História Oral.

⁴ Os estudos decoloniais/descoloniais dizem de uma perspectiva teórica que busca romper com uma dominação imposta pela colonialidade – por meio do discurso da modernidade – em diversos aspectos, deslocando-se, também, de epistemologias dominantes. Mignolo (2008, p. 290) diz que, nesse contexto da decolonialidade/descolonialidade, “[...] a opção decolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender [...], já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial”.

⁵ Essa expressão surge ao nos aproximarmos da poesia de Manoel de Barros, que nos provoca a subverter os significados cristalizados do nosso cotidiano. “Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. [...] O verbo tem que pegar delírio”. (BARROS, 2015, p. 83)

⁶ O fora do risco surge nesse trabalho lançado por uma das crianças que diz, enquanto desenha, que *Na escola é diferente [...] porque não pode sair fora do risco*. Essa narrativa, assim como muitas outras produzidas com as crianças, nos ajudaram a constituir outros modos de dizer e colaboraram com as discussões que fizemos no âmbito das perspectivas decoloniais.

Sendo assim, pretendemos estabelecer uma discussão sobre o modo como entendemos História Oral e narrativas, abordando discussões acerca dos aspectos teóricos e metodológicos que permeiam a produção de fontes dessa natureza, bem como discussões que surgem quando nos propomos a produzir narrativas fundamentadas nos princípios e procedimentos da História Oral em contextos como os aqui apresentados.

História Oral e o tratamento das entrevistas

Quando pensamos a construção de narrativas a servir como fontes de nossas investigações, optamos por mobilizar a História Oral, por ser amplamente discutida e utilizada nas pesquisas no grupo que participamos, que envolvem situações de entrevistas, cuja principal característica refere-se à criação e à valorização de narrativas orais como fontes de pesquisa (SILVA; SOUZA, 2007).

Ao pensar o trabalho com História Oral, acredita-se, como nos diz Souza (2014, p. 262), que

esta, vista como articulação coerente entre procedimentos de pesquisa e fundamentação teórica, transita, ainda que não se restrinja a isso, pela historiografia com o intuito de repensar, continuamente, o processo de criação de fontes por meio da gravação de entrevistas, da estruturação de narrativas.

Nesse sentido, Garnica (2010) nos lembra que, dentre alguns pressupostos frequentes, está o que considera a História Oral necessariamente vinculada aos estudos historiográficos, mas é interessante observar que as fontes construídas com base na História Oral podem nos ajudar a escrever uma História, mas não serve apenas para tal exercício. Embora não exija tal comprometimento, podemos afirmar que as fontes produzidas se constituem historiográficas no sentido de

[...] registrarem perspectiva de um modo comprometido, responsável, ético; são historiográficas por serem o registro de uma verdade – a verdade do sujeito –; são historiográficas pois “falam” de um tempo, de uma condição, de um espaço, de um modo de existir, de falar, de se portar; são historiográficas, portanto, num sentido amplo, aquele no qual a concepção de historiografia passa a aceitar como legítima a presença de subjetividades para a entender a duração, as alterações e permanência das “coisas” no tempo e no espaço. Assim, preocupações em torno do conceito “história” [...] estão no cerne do trabalho do oralista, mesmo que suas fontes não sejam constituídas especificamente para disparar trabalhos “propriamente historiográficos” (GARNICA, 2012, p. 89).

Produzir narrativas com bases na História Oral é produzir fontes intencionalmente e, dessa maneira, acreditamos que “um trabalho em História Oral é, pois, sempre, um inventário

de perspectivas irremediavelmente perpassado pela subjetividade, um desfile de memórias narradas, um bloco multifacetado de verdades anunciadas” (GARNICA, 2010, p. 31).

Pensar a História Oral como recurso metodológico requer considerar alguns procedimentos (critérios de rede, roteiro de entrevista, gravação da entrevista, transcrição, textualização, cessão de direitos, entre outros cuidados éticos), mas, para além disso, requer um exercício constante de regulação metodológica que não permita a cristalização destes como um modelo a ser seguido. Concordamos com Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 232-233), ao considerarem metodologia como um conjunto de procedimentos que não fazem sentido sem estarem fundamentados. Para os autores, se trata de “optar por um conjunto de ações (procedimentos) que nos permita abordar/compreender algo, mas, além disso, trata-se de saber quais as potencialidades e os limites dessas ações, quais seus fundamentos, qual o terreno em que tais ações se assentam”.

Fontes são produzidas a partir da oralidade, tendo início com a realização das entrevistas. E porque se trata de, ao menos, dois envolvidos, é fundamental ressaltar que há que ser um encontro. Assim, ainda que a História Oral nos chame a atenção para cuidados técnicos e teóricos a serem tomados durante as entrevistas, para procedimentos na construção de fontes históricas, ainda que nossos roteiros trouxessem questões e estratégias norteadoras, foi no diálogo que o enredo das conversas se construiu. Para as entrevistas com as crianças foram pensados diferentes roteiros, envolvendo histórias fictícias de modo a direcionar o contar a um personagem, proposta de desenhos e também a não existência de um roteiro. Com os adultos analfabetos os roteiros eram adaptados de acordo com a rotina de cada entrevistado, explorando suas histórias de vida. Suas? Nossas! Porque numa entrevista tem disso: *Desenha!*, como Marina chama a atenção de Vivian para desenhar com ela; ou *Você não sabe o que você tá perdendo da vida, minha fia*, como disse Dionésia ao descobrir que Endrika não sabia dançar. Tem encontros!

Alguns cuidados técnicos são indispensáveis como o posicionamento do gravador em um local próximo ao interlocutor, buscando evitar a captação de muitos ruídos indesejáveis que se sobreponham às vozes, a realização da transcrição e textualização das entrevistas pelo próprio pesquisador que tenta registrar as percepções fugidias a estas formas de registro. Nessa direção, poderíamos aqui sinalizar para esses dois últimos procedimentos que têm sido os mais questionados quanto à maneira de serem produzidos e apresentados. Poderíamos dizer que, em posse do material gravado, nosso primeiro movimento se deu na direção de transcrever essas

narrativas orais, com a preocupação de preservar ao máximo o que pensamos caracterizar particularidades dos entrevistados, como elementos próprios da fala, repetições e pausas. Ou poderíamos firmar como analítico o processo de construção de uma narrativa mais fluente, reorganizada, denominada textualização. A importância desse tipo de discussão é reconhecida, também, pela quantidade de trabalhos que a tematizam. Deixamos para estes, então, o cuidado com essas perspectivas.

Aqui, nos comprometeremos com a apresentação de algumas questões que, por terem povoado nossas práticas de investigação, precisam vazar.

A gravação em vídeo é uma dessas questões. A importância deste na gravação de gestos e expressões das crianças pequenas é fundamental não somente por sua potência para a interpretação do dito, mas de como o corpo participa da narrativa em construção; como esta é, também, corpo. A presença de uma câmera filmadora nos encontros com as crianças teve tanta importância quanto sua ausência nos encontros com adultos analfabetos, mas não com a mesma potência, é relevante dizer.

Após uma das primeiras entrevistas realizadas por Endrika, uma fissura: quando sua entrevista passaria na Emissora de Televisão para que ela pudesse mostrar a seus amigos? Perguntava uma senhora de 76 anos. Naquele encontro pesou e pesa até hoje essa questão, não somente por seu enunciado, mas pelo que este carrega quando sinaliza um não reconhecimento dos interesses outros envolvidos, de uma devolução da pesquisa que faça sentido, que opere dentro da comunidade em que vivem os colaboradores de uma pesquisa, em que estes sentem e fazem sentir. Ao tentar, inutilmente, implementar um roteiro padrão, Endrika já notava algo a se pensar:

me responda essas perguntas iguais
que eu preciso
que eu preciso ouvir
que eu preciso anotar
que eu preciso pesquisar
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir
e não sinto [...] (SOARES, 2019, p. 32)

Um fator importante que se fez mostrar ao longo dessas duas pesquisas em particular, é o entorno, as pessoas que se faziam próximas àqueles que julgavam de certo modo vulneráveis. Pais que explicavam a linguagem gaguejante da criança, filhos que explicavam termos não usuais dos pais. De algum modo, esse entorno dizia um pouco de nossos entrevistados, de como

são lidos pelos que os cercam; e também diziam um pouco das pesquisadoras (aquelas para quem era importante traduzir modos de dizer claramente incompreensíveis à academia).

Poderíamos argumentar em favor de uma textualização das entrevistas de modo a fazer correções, reorganizar ideias para tornar a leitura mais fluente, mas, em outra direção, permanecemos questionando quais intervenções fariam sentido dentro de uma linguagem outra. Como e por que domesticar expressões desconhecidas de pessoas consideradas analfabetas para torná-la legível para um alfabetizado? De que modo seria possível caracterizar a fala infantil sem que o texto seja composto por gaguejos, palavras ainda mal pronunciadas, desconstruídas e gestos? Textualizações são modos de dizer, mas estes modos, trazidos por Endrika e Vivian, são gaguejantes, mobilizam palavras erradas ou inexistentes quando considerado um quadro referente das normas instituídas na Língua Portuguesa.

O que fazer mediante o reconhecimento de um modo próprio de constituir dizeres? A primeira orientação parece óbvia, no sentido de manter como “erradas” as pronúncias realizadas, mas não se trata de providências mais óbvias, trata-se de pensar em uma estética que não reforce a existência de uma linguagem referente, que, para além das marcações mais óbvias, traz em questão como é possível constituir um texto em língua portuguesa que acentue palavras, organize falas por meio de pontuações muitas vezes inexistentes no dito de crianças e analfabetos. O que fazer com a prática comum a esses dois grupos de desacostumar palavras, fazê-las pegar delírio, constituí-las por meio de usos outros?

Acreditamos que, nesse processo, o pesquisador compõe com o entrevistado. Esse texto não se configura mais como aquela narrativa do entrevistado e nem como uma produção somente do pesquisador, mas uma colaboração entre os dois, que deixam suas marcas nesse novo texto produzido. A esse processo, chamamos de textualização.

A carta de cessão de direitos para mobilização acadêmica das narrativas produzidas neste processo é, também, um momento delicado nestas pesquisas. Alguns ensaios foram feitos a partir das falas das crianças, mas como estas, assim como no caso das pessoas que não liam, essa cessão foi fornecida a partir da confiança nessas pesquisadoras ou em terceiros. Pais autorizaram a mobilização da fala de seus filhos e nós, por ser uma providência legal, nos amparamos nisso para seguir com o trabalho. Que sentido tem para uma criança a conferência sobre o que foi dito? Aquela ainda é sua história, ou já é outra porque efetivamente agora é contada por um outro, na voz de um outro? Que sentido tem para um adulto, ouvir um outro lendo o que seriam suas supostas palavras para depois lhe perguntar se há nelas

reconhecimento? Leria a própria pesquisadora? Alguém de sua família? Um software específico com uma voz automática? Poderia haver reconhecimento em uma fala sem vida?

Se, no caso das crianças, há um responsável legal maior de idade que assina os documentos necessários à liberação das fontes para uso, no caso dos adultos entrevistados, estes assumiam esse papel. Mas quais procedimentos a História Oral tem desenvolvido para lidar com situações como esta? Quem responderia a isto? A questão é o que fazemos nós enquanto trabalhamos com História Oral, enquanto pensamos em uma ética, estética e política que a constitui? O que fazemos quando sinalizamos a possibilidade de que uma digital se manche de tinta para, em seguida, manchar o papel como marca não só da autorização de algo não lido - não por ele - mas com uma marca recorrentemente ligada a uma ideia do outro pela sua negação: o não letrado.

Garnica, Fernandes e Silva (2011) nos ajudam em uma discussão acerca das fontes produzidas a partir da História Oral. Gravação em vídeo e/ou áudio, transcrição e textualização são fontes diferentes e, como tais, permitem distintas discussões em uma investigação. Nos trabalhos com História Oral, pesquisadores têm se valido da textualização para a análise formal, não somente por sua facilidade em termos de divulgação na academia, mas também por ser esta, muitas vezes, complementada durante o processo de conferência e autorização de uso por parte dos entrevistados, oportunizando o aparecimento de outras informações.

Nos trabalhos aqui destacados, especialmente naquele defendido por Vivian, outras possibilidades são instituídas: áudios e imagens povoam toda a dissertação explorando as ferramentas de QR-Code⁷. Desse modo, outra dinâmica é trazida ao trabalho de forma a não contribuir com o silenciamento desses grupos seja pelas palavras-explicadas, seja pela morte de modos de expressão corporais, gritos e sussurros. Na dissertação de Vivian pode-se ouvir lápis riscando papeis, gritos, risos, música, vozes durante todo o trabalho, como uma afirmação da linguagem, mas, para além disso, como uma afirmação do sensível.

A História Oral como metodologia de pesquisa traz questões acerca de uma postura investigativa, além de procedimentos e fundamentação articulados na direção de construção de fontes históricas a partir da oralidade. Esta metodologia, portanto, não é um método de análise,

⁷ Entre as narrativas que compuseram a pesquisa de mestrado da Vivian, algumas surgiram em QR codes, um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado por meio de um aplicativo disponível na maioria dos aparelhos celulares equipados com câmera. No caso da dissertação, esse código é convertido em um endereço URL que leva a vídeos produzidos pela pesquisadora em uma composição de áudios e imagens dos encontros com as crianças.

de modo que outras perspectivas podem ser articuladas aos pressupostos com ela assumidos. A maneira com que pensamos nossas investigações nos dão liberdade para avaliar o cenário, (des)construir procedimentos e, eventualmente, caminhar por outros caminhos que também façam sentido para a produção da pesquisa.

Nos trabalhos que temos desenvolvido, narrativas são articuladas à História Oral na direção de produção de conhecimentos e de multiplicidades. Segundo Garnica (2010, p. 34),

Nas narrativas, então, reside a própria possibilidade e potencialidade do que temos chamado História Oral, e tratamos de pensá-las não mais como constituindo “a” história, mas como constituidora de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relataram determinados tempos e situações.

Uma importante observação que fazemos é que ambos os trabalhos não intencionam falar por esses interlocutores, no sentido de “dar voz” a essas comunidades, ou de falar pelo outro, mas que pretendem estar e falar com o outro, que não precisam que falem por eles, que possuem vozes que repercutem em outros ambientes aos quais temos acesso ou estamos inseridas. Uma vez mais, trata-se de um encontro do qual ressoam diferentes vozes.

Possibilidades de produção de narrativas e a construção de fontes para pesquisas

A produção das narrativas que compõem e dialogam com nossos trabalhos são produzidas, como vimos, fundamentadas nos procedimentos e concepções da História Oral. Nesse sentido e considerando o cenário de pesquisa no qual nos inserimos, compreendemos narrativa como o contar histórias (SOUZA, 2014).

Seguindo essa perspectiva, concordamos com Cury, Souza e Silva (2014, p. 915) quando afirmam que

Narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. Esse contar, é importante ressaltar, se dá sempre em direção a alguém. Desse modo, a narração prevê um posicionamento frente ao outro.

Sendo assim, tanto em nossas investigações quanto nos trabalhos vinculados ao grupo de pesquisa, as narrativas geralmente são produzidas de maneira semelhante, a partir de situações de entrevistas. Nessas entrevistas, embora com roteiros abertos em sua maioria, o entrevistado tem sua fala motivada e guiada de alguma forma pelo pesquisador, que está interessado no diálogo, nas histórias que seu interlocutor tem para contar.

Como dito anteriormente, ao elaborar sua narrativa, o entrevistado faz isso em direção

a alguém, geralmente o entrevistador/pesquisador, e existe, na maioria das vezes, um esforço de se posicionar frente ao outro. Acreditamos que, nesse esforço de construção da narrativa, quem narra articula suas memórias que estão ocupando papel de destaque, sendo um recurso indispensável à narrativa.

Concordamos com Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 242) quando dizem que “a memória filtra, reordena, fantasia. A memória interpreta, redimensiona, inventa, complementa. A memória nos permite construir textos”. Falando sobre essa construção, julgamos que o entrevistado, ao narrar suas histórias, se constitui outro por meio da narrativa, ou seja, o sujeito que narra não é o mesmo sujeito narrado, mas são criadas versões por meio das narrativas. Como afirma Albuquerque Junior (2011, p. 254),

[...] o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra a sua própria vida. [...] Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito em que corre tinta nas veias.

Assim, a narrativa vai se construindo, nesse esforço de se posicionar frente ao outro. Para nós, como pesquisadoras, “as histórias que os sujeitos contam-nos, suas narrativas, servem para constituir outras narrativas nas quais a voz do pesquisador está irremediavelmente contaminada pelas vozes daqueles que teve como interlocutores” (GARNICA, 2010, p. 34).

É no meio desse emaranhado de vozes, de narrativas, que pretendemos construir o cenário da nossa investigação. Garnica (2010, p. 30) também nos chama atenção para essa prática no nosso campo de pesquisa, quando aponta que:

Na Educação Matemática, a oralidade sempre foi um instrumento – um suporte reconhecidamente profícuo – para compreender os objetos que nós dispomos para nossas pesquisas. As modalidades narrativas de investigação, via de regra, são disparadas por depoimentos, ou seja, são narrativas que, perpassadas por uma hermenêutica, apoiam compreensões, as quais, por sua vez, mostram ou nos permitem atribuir significados aos aspectos do objeto analisado.

Destacamos que, embora nossas investigações trabalhem com a produção de narrativas tal qual estamos discutindo, produzidas a partir da oralidade, não significa que as narrativas se limitem a isso. Compreendemos as narrativas na direção de “dar a saber”/dizer algo, remetendo também à ideia de conhecimento. Nessa direção, entendemos que por meio de uma entrevista, quem narra nos conta uma história, dá algo a saber, a conhecer, mas acreditamos que isso não acontece somente nessa situação, pois histórias podem ser contadas de diferentes maneiras.

Pensemos em uma pintura, um filme, uma fotografia, um desenho, em diferentes formas

de texto (entendendo texto para além do texto escrito) que podem nos contar algo, nos levar a conhecer. Isso nos faz ampliar os modos de se pensar a narrativa, principalmente quanto à relação entre forma e conteúdo, potencializando e abrindo novos caminhos para as nossas produções.

Em meio a essas novas discussões acerca da narrativa, encontramos um certo conforto para os anseios que foram se criando no decorrer do desenvolvimento de nossos trabalhos, que se apoiam nas perspectivas da História Oral. Não tomamos esse repensar procedimentos e estratégias de uma metodologia como uma negação ou distanciamento, mas como um exercício também metodológico que vai se construindo no decorrer da investigação, buscando por métodos que contribuam com a construção de fontes que nos ajudem a compreender, por exemplo, os discursos de pessoas analfabetas e os modos como se estabelecem no mundo, assim como, os modos como as crianças significam a escola e a matemática na infância, dentre outras intenções destas pesquisas.

É comum nas práticas de investigação que temos construído mobilizando os procedimentos da História Oral, considerar que quem fala sempre o faz em direção a alguém e esse alguém tem sido nossa figura como pesquisadoras na área da Educação Matemática. Eis que nos dois contextos aqui trazidos essa figura não faz sentido algum, não parece produzir significado. Pessoas que passaram sua vida fora da escola, longe da educação formal ou crianças que não vivenciam, ainda, todos os formalismos das instituições educacionais têm tido o importante papel de lidar com a entrevista como um diálogo que só faz sentido enquanto tal e, sem as cerimônias às quais muitas vezes nos rendemos, só pode ter continuidade quando todos os envolvidos estão realmente envolvidos.

Para ilustrar brevemente algumas situações trazemos dois cenários de nossas pesquisas. Já nos referimos a um deles anteriormente, que se deu logo após a primeira entrevista realizada por Endrika com uma senhora de 76 anos, que questionou a data que a entrevista que ela tinha concedido iria passar na televisão.

No caso da pesquisa de Vivian em uma de suas entrevistas, com uma criança de 4 anos, o roteiro envolvia a historinha do Alien, que era um bonequinho levado para direcionar a conversa (ele estava interessado em saber sobre a criança, sua rotina e sua escola). Como foi dito à criança que o personagem em algum momento iria embora, enquanto brincava, começou a questionar sobre a partida do Alien: *Ele vai sumir?; E ele vai tá lá no espaço e aí vai conversar?* E quando ele percebeu que o Alien havia desaparecido (foi escondido pela

pesquisadora), se recusou a responder uma questão sobre sua escola afirmando que já havia acabado, pois o Alien já havia ido embora. A narrativa das/com crianças constitui uma potência presentificada e efêmera de construção e invenção de mundos.

Com isso, acreditamos que a História Oral tem ganhado em nossas pesquisas novos olhares. Alguns de seus princípios e uma postura metodológica nos orientam frente a outras possibilidades e potencialidades na constituição de narrativas construídas por etapas (critérios de rede, roteiro de entrevista, gravação da entrevista, transcrição, textualização, cessão de direitos) que agora estão em movimento.

Algumas considerações

A História Oral como metodologia de pesquisa tem contribuído muito com os trabalhos desenvolvidos no Grupo HEMEP, servindo não só como aporte metodológico, mas também teórico, nos ajudando a pensar as entrevistas como fontes produzidas em nossas pesquisas.

No caso de nossas investigações, em particular, buscamos apoio nos princípios e procedimentos da História Oral como suporte para a produção de narrativas, mas sem, necessariamente, adotá-la como metodologia da pesquisa. Embora reconheçamos as possibilidades e potencialidades da História Oral, levando em consideração a maneira como estamos pensando nossos trabalhos e a escolha dos nossos interlocutores, sentimos necessidade de adaptar procedimentos e, ao mesmo tempo, assumimos a responsabilidade de buscar por outras estratégias que nos ajudem a construir e a tratar de nossas temáticas com sensibilidade, respeitando suas delimitações e as direções que tomaram, as quais não se teve intenção de prever.

Dito isso, acreditamos que propor discussões em torno de questões metodológicas e suas possibilidades e limitações é um exercício importante para o movimento do pesquisar. Aqui, tentamos fazer um exercício próximo a esse, de pensar nossas pesquisas frente à História Oral para a constituição de fontes que envolvem entrevistas com pessoas analfabetas e crianças, nesse novo momento de nossa formação, em que nos distanciamos da produção de pesquisas propriamente historiográficas e nos colocamos por novos caminhos que, em certo sentido, se afastam dos procedimentos e modos de lidar já implementados pelo Grupo HEMEP.

Acreditamos que os pesquisadores se constituem na/pela pesquisa por meio de uma sequência de normas – envoltos a prazos, estruturas postas –, então estes tenderão a cumprir mais a lei, ou seja, poderão ser menos inventivos, justamente por esses “engessamentos”.

Movimento semelhante também acontece com as metodologias de pesquisa, cujos procedimentos correm o risco de serem tomados como regras postas a priori, cuja aplicação não demanda reflexões e problematizações. Desse modo, é importante o desenvolvimento de uma postura que nos permita questionar e que provoque, se necessário, o rompimento com normalizações, que possibilitem a abertura de espaços para pensarmos coisas outras, de modos outros.

Nesse movimento, em que questionamos nossas falsas estabilidades enquanto pesquisadoras, em uma leitura acostumada do que seria trabalhar com a História Oral, nos foi possível perceber que operar com essa metodologia demanda um movimentar-se, às vezes não tão perceptível em certos contextos, mas abrupto em outros, desassossegando não só uma pesquisa, mas também, como no caso de nossas vivências, pesquisadoras, nos convidando a pretensão de conhecer a nós mesmas para transgredir os limites do que somos e buscarmos ser de maneiras outras.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos. (Org.); PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Org.). **História e Arte: Movimentos artísticos e correntes intelectuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 249-261.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A. de; SILVA, H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 910-925, ago. 2014.

FRANCO, V. N. M. **Entre infâncias, narrativas e delírios: fora da escola, fora da matemática, fora do risco...** 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

GARNICA, A. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2010.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho.; ARAÚJO, Jussara de Loiola. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 87-109.

SILVA, H.; SOUZA, L. A. de. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Boletim da Educação Matemática**, Rio Claro, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007.

SOARES, E. L. **Educação (,) matemática e outras banalidades fundamentais da vida: diálogos a partir dos analfabetismos nossos de cada dia.** 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

SOUZA, L. A. de. Narrativas na investigação em história da educação matemática. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 259-268, set./dez. 2014.

Submetido em Junho de 2019

Aprovado em Setembro de 2019

